

A close-up photograph of piano keys, heavily tinted with a deep red color. The keys are arranged in a row, with the focus on the central ones. The lighting is dramatic, highlighting the texture of the keys and the shadows between them. In the upper left corner, there is a white logo consisting of three stacked rectangular boxes containing the text 'TEATRO NACIONAL' and 'S. JOAO' respectively.

TEATRO
NACIONAL
S. JOAO

MOSTEIRO DE
SÃO BENTO DA VITÓRIA
16 NOV 2023

MUSICAL MENTE

Ciclo de
concertos
com prelúdios
políticos

Beethoven
Liberdade
Absoluta

qui—19:00

Filipe Pinto-Ribeiro (piano)
Stephan Picard (violino)
Quirine Viersen (violoncelo)

Ludwig van Beethoven (1770-1827)

PRIMEIRA PARTE

Trio op. 38, *Grand Trio*

- I. Adagio – Allegro con brio
- II. Adagio cantabile
- III. Tempo di menuetto
- IV. Andante con variazioni
- V. Scherzo – Allegro molto e vivace
- VI. Andante con moto, alla marcia – Presto

SEGUNDA PARTE

Trio op. 70 n.º 1, *Espíritos*

- I. Allegro vivace e con brio
- II. Largo assai ed espressivo
- III. Presto

prelúdio político

Rui Moreira

curadoria

Filipe Pinto-Ribeiro

coorganização

DSCH – Schostakovich Ensemble
Teatro Nacional São João

dur. aprox. 1:45

M/6 anos



NOTAS AO PROGRAMA

SÓNIA GONÇALVES DA SILVA*

O trio com piano ocupa, sem dúvida, uma posição proeminente no âmbito das formações de música de câmara com piano. Consiste numa composição para piano e outros dois instrumentos, habitualmente o violino e o violoncelo. Outras variantes tipificadas incluem combinações como piano, flauta e violoncelo (J. 259, de Weber); piano, clarinete e viola (K. 498, de Mozart); piano, clarinete e violoncelo (op. 11, de Beethoven; op. 114, de Brahms); ou até piano, violino e trompa (op. 40, de Brahms). Esta formação – que inclui a sonata barroca para violino ou flauta com cravo *obbligato* e a sonata em trio entre os seus predecessores – emergiu em meados do século XVIII a partir da sonata para piano (que se ampliou *ad libitum* para duo ou trio, duplicando, grosso modo, a mão direita com o violino e a mão esquerda com o violoncelo). Note-se que alguns trios com piano de Haydn (1732-1809) receberam, ainda, o título de sonatas para piano com acompanhamento de violino e violoncelo; nos últimos trios com piano de Mozart (por exemplo, o K. 542, de 1788), os dois instrumentos de cordas apresentam um grau de maior independência relativamente ao piano; Ludwig van Beethoven (1770-1827) terá sido um dos primeiros a conferir ao violino e ao violoncelo uma verdadeira autonomia no contexto desta formação. No princípio do século XIX, o trio com piano tornou-se assim cada vez mais popular, e frequentemente muitas composições de maior escala eram alvo de arranjos para este *ensemble*: Beethoven chegou mesmo a fazer um arranjo para trio com piano da sua Sinfonia n.º 2; o Trio op. 38 consiste num arranjo feito por si do seu Septeto op. 20.

Foi justamente o trio com piano – género caro à aristocracia vienense, devota da música de câmara – a formação eleita por Beethoven para inaugurar o seu catálogo: o op. 1, publicado em 1795, inclui três trios com piano. Para além destes, o “ciclo” de trios com piano do compositor alemão integra

outros seis, a saber: o op. 11, para clarinete ou violino, violoncelo e piano; o op. 70 n.º 1 (*Espíritos*) e n.º 2; o op. 97, *Arquiduque*; o WoO 39 (publicado postumamente em 1830); e o WoO 38 (obra de juventude, escrita provavelmente entre 1790 e 1791, também publicada postumamente). Para a mesma formação, são ainda de mencionar duas peças em forma de variações, designadamente as 14 Variações sobre um Tema Original, op. 44, e as dez Variações *Schneider Kakadu*, op. 121a. Este conjunto de obras foi essencialmente escrito num período que decorreu entre 1794 e 1811, podendo a sua audição proporcionar uma forma interessante de compreender as motivações e os impasses do percurso artístico do compositor.

Os dois trios com piano que constam no alinhamento do presente concerto datam do habitualmente designado “segundo período criativo de Beethoven”. Nesta fase, o compositor revelou-se em toda a sua independência, tendo a sua música tomado novos rumos. A aspiração artística e a disposição moral e ética, regidas pelos ideais de liberdade, fraternidade e altruísmo – bem patentes em obras deste período, como a Sinfonia n.º 3 (*Eroica*) ou a única ópera, *Fidélis* – caracterizam a sua obra, projetando-a para lá de normas e de convenções, conferindo-lhe uma força até então inexistente.

Trio op. 38, *Grand Trio*

Trio para clarinete ou violino, violoncelo e piano, consiste num arranjo feito por Beethoven do seu Septeto op. 20 (para clarinete, trompa, fagote, violino, viola, violoncelo e contrabaixo). Escrito entre 1799 e 1800, o septeto foi imediata e calorosamente acolhido, tornando-se num verdadeiro sucesso. A partitura do trio foi elaborada pouco tempo depois, entre 1802 e 1803, e dedicada a Johann Adam Schmidt (1759-1809), médico (e violinista amador) que acompanhou Beethoven entre 1801 e 1809. Do ponto de vista da estrutura, a obra – muito próxima, estilisticamente, de Mozart e de Haydn – parece remeter para as antigas

formas do Divertimento ou da Serenata, das quais herda também um certo espírito e graciosidade. Tem seis andamentos: no primeiro, o curto *Adagio*, à maneira de um preâmbulo, introduz o *Allegro con brio*, construído, por sua vez, sobre um tema de cunho festivo; o segundo andamento, *Adagio cantabile*, destaca-se pelo seu intimismo e pela doçura do seu tema principal; o *Tempo di menuetto* que se segue (provido de Trio) põe em relevo um tema sincopado de carácter vigoroso; o quarto andamento consiste num conjunto de cinco variações (e Coda) elaboradas a partir de um tema de índole popular; ao *Scherzo* (com Trio), bem-humorado, segue-se o sexto e último andamento, *Andante con moto, alla marcia – Presto*, número de notável brilhantismo.

Trio op. 70 n.º 1, *Espíritos*

Trio dedicado à condessa Anna Maria von Erdödy (1779-1837), amiga próxima de Beethoven, foi composto imediatamente depois do compositor ter concluído a partitura da sua Sinfonia n.º 6, *Pastoral* (em 1808). O nome pelo qual é conhecido, *Espíritos*, encontra justificação no sussurro dos *tremoli* que se ouve no andamento central da peça. A obra, que se destaca pela sua densidade e força expressiva, é constituída por três andamentos: o primeiro (*Allegro vivace e con brio*) – construído a partir de dois temas bem diferenciados – caracteriza-se pela extrema diversidade da sua escrita, que não renuncia a nenhum efeito de dramatização; o segundo andamento (*Largo assai ed espressivo*), de carácter noturno, apresenta-se como o centro de gravidade do trio, distinguindo-se pelos seus contornos angulosos e por um certo sentimento de indecisão; no terceiro (*Presto*), verifica-se um regresso ao espírito de animação e de conquista do primeiro andamento, terminando a obra com um gesto de clara afirmação de triunfo.

* Musicóloga.



Filipe Pinto-Ribeiro

É um dos grandes pianistas portugueses da atualidade e um dos que mais reconhecimento internacional conquistaram enquanto solista e músico de câmara. Diplomado e doutorado pelo Conservatório Tchaikovski de Moscovo, onde estudou com Lyudmila Roschina, encetou desde então uma carreira que o tem levado a apresentar-se nas mais conhecidas salas e com as principais orquestras portuguesas, e em alguns dos reputados palcos e séries de concertos da Europa e América do Norte. Momento importante no seu percurso foi a criação, em 2006, do DSCH – Schostakovich Ensemble (de que é diretor artístico), um agrupamento de geometria variável onde se tem reunido, ao longo dos últimos quase vinte anos, com muitos dos mais significativos músicos do nosso tempo para concertos um pouco por todo o mundo. Foi também a partir desse Ensemble que criou em 2015 o Festival e a Academia Verão Clássico, que se realiza anualmente em Lisboa, hoje um dos mais importantes festivais e academias musicais de verão do mundo. É também diretor artístico do Festival de Música dos Capuchos e do Bragança ClassicFest. Da sua discografia, destaque-se, a solo, o CD *Piano Seasons*, com obras de Tchaikovski, Carrapatoso e Piazzolla/Nisinman. Em música de câmara, a integral para piano e cordas de Schostakovich e um disco com Trios de Beethoven, todos editados pela Paraty/Harmonia Mundi. Recebeu da marca de pianos Steinway & Sons a distinção de Artista Steinway, em 2014.



Stephan Picard

Violinista alemão, entrou na elite musical há mais de três décadas, quando venceu vários certames internacionais, como o Concurso de Música Alemã (Deutscher Musikwettbewerb), o Concurso de Música “Maria Canals”, em Espanha, e o Concurso Rodolfo Lipizer, em Itália. Nascido em Barcelona numa família franco-alemã, cresceu em Espanha e na Alemanha. Estudou com Saschko Gawriloff, Wolfgang Marschner, Rami Shevelov e Roman Nodel. Interpretou o repertório de concertos para violino com orquestras como a NDR Radiophilharmonie Hannover, a Orquestra Beethovenhalle Bonn, a Filarmónica de Bremen e a Orquestra de Câmara de Munique. Desde 1995, é professor de violino na Escola Superior de Música Hanns Eisler de Berlim. Convidado regularmente para o júri de vários concursos internacionais, como Max Rostal, Leopold Mozart e Béla Bartók, entre outros. A paixão pela música de câmara reflete-se nas suas atividades musicais, sendo membro de *ensembles* consagrados, como o Quarteto de Cordas Michelangelo e o Trio Mendelssohn, de Berlim. Durante anos, foi o concertino da Orquestra da Ópera Stadttheater Aachen e da Orquestra de Câmara de Munique; foi concertino convidado da NDR Symphonie-Orchester e da Orquestra Filarmónica de Berlim. Toca um violino feito em 1715 por Petrus Guarnerius, em Mântua.



Quirine Viersen

Violoncellista neerlandesa, é uma das principais personalidades musicais da sua geração. A intensidade e o virtuosismo das suas interpretações têm conquistado o público e a imprensa especializada. Começou por ter aulas com o pai, Yke Viersen, violoncellista da Royal Concertgebouw Orchestra. No Conservatório de Amesterdão, foi aluna de Jean Decroos e de Dmitri Ferschtman; e de Heinrich Schiff, na Universidade Mozarteum de Salzburgo. Venceu vários prémios em certames nacionais e internacionais, como o Concurso Rostropovich, em Paris, o Concurso Internacional de Violoncelo, em Helsínquia, e o Concurso Tchaikovski, em Moscovo. Em 2000, foi-lhe atribuído o Credit Suisse Young Artist Award, no seguimento do qual tocou com a Orquestra Filarmónica de Viena, dirigida por Zubin Mehta, no Festival de Lucerna. Em 2004, recebeu o Prémio Neerlandês de Música, a mais importante distinção musical do seu país. Tem tocado com orquestras e maestros de renome. É muito requisitada como intérprete de música de câmara, tendo trabalhado com músicos como Antje Weithaas, Thomas Beijer, Leonidas Kavakos e Liza Ferschtman. Toca um violoncelo construído em 1715 por Joseph Guarnerius “filius Andreae”, especialmente cedido pela Coleção Nacional de Instrumentos dos Países Baixos.

PRELÚDIO POLÍTICO A MÚSICA É SEMPRE UM GRITO DE LIBERDADE

A música teve ao longo da História um papel transformador, graças à sua capacidade de transmitir ideias e aspirações, sonhos e desafios, emoções e sentimentos. Talvez como nenhuma outra arte, a música é capaz de mobilizar pessoas, inspirar movimentos, mudar mentalidades, desafiar normas. Daí que, em diferentes momentos históricos, tenha servido para afrontar o poder enquanto instrumento de resistência e intervenção política.

Não faltam, aliás, exemplos de compositores e intérpretes que entenderam a música como uma arma: desde Beethoven, justamente com a Sinfonia n.º 3 (*Eroica*), a Kendrick Lamar, passando por Mozart, Wagner, Verdi, Kurt Weill, Víctor Jara, Pete Seeger, Woody Guthrie, Nina Simone, John Coltrane, Bob Dylan, Georges Brassens, José Afonso, Chico Buarque, José Mário Branco, Bob Marley, Sex Pistols, The Clash, Billy Bragg, Gil Scott-Heron, Public Enemy, Rage Against the Machine...

A música é sempre um grito de liberdade. Muita da melhor música foi composta e até interpretada em tempos de opressão, mas nunca deixou de ser isso mesmo – um grito de liberdade. Por essa razão, os regimes autocráticos procuram, ontem como hoje, condicionar a criação musical ou simplesmente proibir a música, como os talibãs no Afeganistão. Por essa razão, as revoluções, como a de Abril de 1974, usaram a música para propagar os seus ideais e mobilizar os seus sequazes.

Ora, a liberdade não é palavra vã para os portugueses e os poderes autoritários não tiveram vida fácil no Porto, ou não fosse esta a cidade *Invicta*. O apoio a D. João I na crise de 1383-85, os motins durante o domínio filipino, a Revolta dos Taberneiros em 1757, os levantamentos populares contra as invasões francesas, a Revolução Liberal de 1820, o 31 de Janeiro de 1891, a rebelião contra a ditadura militar em 1927, a receção apoteótica a Humberto Delgado, a oposição aos desvarios do PREC ou a contestação ao centralismo são exemplos históricos da irredutibilidade do Porto e da sua módica propensão para a submissão.

O Porto tem uma longa tradição de luta pela liberdade. E certamente que esta tradição não é indissociável do compromisso da cidade com a música, que teve o seu auge na segunda metade do século XIX e renasceu já perto dos nossos dias. Liberdade e música estão ambas incrustadas na identidade e mundividência do Porto. São duas dimensões que se cruzam, muitas vezes por osmose, na história da cidade.

RUI MOREIRA

Nasceu no Porto a 8 de agosto de 1956. Frequentou o Colégio Alemão e o Liceu Garcia de Orta, na mesma cidade, tendo-se licenciado em Gestão pela Universidade de Greenwich, em 1978. Nesse ano, foi distinguido com o prémio de melhor aluno do curso. Regressado a Portugal e à sua cidade natal, evidenciou-se como voz ativa na defesa dos interesses do Porto e da região Norte, quer em conferências sobre o tema, quer como colunista na imprensa. Destacou-se também como comentador desportivo e político, em várias estações televisivas. Durante quase toda a sua vida profissional foi empresário, em setores como a navegação marítima e a indústria conserveira. Em 2001, foi eleito presidente da Associação Comercial do Porto, cargo que exerceu até 2013. Nesse mesmo ano, liderou uma candidatura independente ao Município do Porto, tendo sido eleito presidente a 29 de setembro. Em 2017, recandidatou-se novamente como independente, vencendo com maioria absoluta. Em 2021, foi reeleito para um terceiro e último mandato. É autor das obras *Rumo ao Abismo*, *Uma Questão de Carácter* e *Ultimato*, e coautor da *Balada da Média Virtude*. Foi diretor de *O Tripeiro*, revista que reformulou com sucesso. Tem sido alvo de altas distinções nacionais e internacionais. Destacam-se a Grã-Cruz da Ordem do Mérito, pelo rei de Espanha, Felipe VI, a Ordem do Mérito (grau de comendador), pelo Presidente da República da Roménia, Klaus Werner Iohannis, e a Medalha da Cruz de São Jorge, pelo Estado-Maior-General das Forças Armadas.



produção executiva
Mónica Rocha

direção de palco
Emanuel Pina

adjunto do diretor de palco
Filipe Silva

direção de cena
Cátia Esteves

luz
Filipe Pinheiro
coordenação
Adão Gonçalves
Alexandre Vieira
José Rodrigues
Nuno Gonçalves
Marcelo Ribeiro

maquinaria
Filipe Silva
coordenação
António Quaresma
Carlos Barbosa
Joel Santos
Jorge Silva
Lídio Pontes
Nuno Guedes
Paulo Ferreira

som
Joel Azevedo
coordenação
Miguel Pereira

APOIO

 **ANTENA 2**

AGRADECIMENTOS

Câmara Municipal do Porto
Polícia de Segurança Pública
Mr. Piano/Pianos Rui Macedo

Edição
Teatro Nacional São João

coordenação
Fátima Castro Silva

fotografia
Rita Carmo
(Filipe Pinto-Ribeiro)

Peter Adamik
(Stephan Picard)

Marco Borggreve
(Quirine Viersen)

Miguel Nogueira/CMPorto
(Rui Moreira)

design gráfico
Pedro Nora

impressão
**Empresa Diário do
Porto, Lda.**

Não é permitido filmar,
gravar ou fotografar
durante o concerto. O uso
de telemóveis e outros
dispositivos eletrónicos é
incómodo, tanto para os
intérpretes como para os
espectadores.

**PRÓXIMOS
CONCERTOS**

15 FEV 2024
SCHOSTAKOVICH
LIBERDADE REPRIMIDA

Filipe Pinto-Ribeiro (piano)
Boris Brovtsyn e **Alexandra Raikhlina** (violino)
Jennifer Stumm (viola)
Adrian Brendel (violoncelo)

obras de
DMITRI SCHOSTAKOVICH
Trio n.º 1, op. 8
Sonata para violoncelo e piano, op. 40
Cinco peças para violino, viola e piano
Quinteto com piano, op. 57

27 MAR 2024
KORNGOLD
LIBERDADE EXILADA

Filipe Pinto-Ribeiro e **Rosa Maria Barrantes** (piano)
Mario Hossen e **Valerie Leopold** (violino)
Marta Potulska (viola)
Liliana Kehayova (violoncelo)
Leonor Amaral (soprano)

obras de
ERICH WOLFGANG KORNGOLD
Quatro *Shakespeare Songs*, op. 31
Quatro peças para violino e piano, op. 11, da música
para *Much Ado About Nothing*, de Shakespeare
Songs of the Clown, op. 29
Quinteto para piano, dois violinos, viola e violoncelo, op. 15
Marietta's Lied, da ópera *Die tote Stadt*, op. 12,
para soprano, piano e quarteto de cordas

O TNSJ É MEMBRO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA**
CULTURA

 **UNIAO TEATROS EUROPA**



MECENAS DO TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO

 **BPI**

 **Fundação "la Caixa"**